



# Revista da Semana

A decana das Revistas nacionais

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911

Propriedade da Companhia Editora Americana

Praça Olavo Bilac 12 e 14      Rua Buenos Aires 103

RIO DE JANEIRO

TELEPHONES      Redacção e Administração, N 3660

                         Directoria, Norte 112

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: REVISTA

Correspondência dirigida a **AURELIANO MACHADO**

DIRECTOR-RESPONSÁVEL.

**ASSIGNATURAS**

52 números (Brasil)

Um anno 50\$000

6 meses... 26\$000

**REGISTADA**

Um anno 65\$000

6 meses... 33\$000

**ESTRANGEIRO**

Um anno 65\$000

6 meses... 35\$000

**REGISTADA**

Um anno 80\$000

6 meses... 43\$000

Avulso... 1\$200

Atrazada 1\$500

ESTA REVISTA CONTÉM 44 PAGINAS

ANNO XXVIII || Rio de Janeiro, 12 de Novembro de 1927 || NUMERO 47

## O HOMEM MECHANICO

em BERILO NEVES

— Olha o "homem mechanico"! A chegada do "homem mechanico"!

Os pequenos jornaleiros enchiam o ar com o annuncio estridente da nova fantastica. Assaltando os bondes, invadindo os omnibus, deslizando, como pequeninos acrobatas agilissimos, por entre os autos que rugiam e trepidavam na ansia de avançar cada vez mais, elles iam espalhando por toda parte a noticia sensacional. A noite cahia, molle e humida, como um farrapo de renda preta que se soltasse do céu. A Avenida, áquella hora, era uma immensa floresta carregada de fructos de luz e atulhada de barbaros que desdenhavam da sua belleza estonteadora. A luz dos focos electricos até as pequeninas pedras do passeio pareciam estadear-se como joias raras, fixadas no engaste brutal do concreto.

— Olha a chegada do "homem mechanico"!

Os jornaes saltavam das mãos ageis dos jornaleiros para as dos freguezes, que tinham, naquella tarde, maior curiosidade de os ler. Comprei, tambem, um vespertino. Illustrada com a photogravura do sabio mestre Finley, de Boston, vinha a noticia da chegada, ao Rio, do primeiro homem mechanico construido, sob a orientação daquelle homem de sciencia, nas usinas de Westinghouse Electric Company. O sabio e o homem mechanico haviam chegado naquella tarde, pelo "Pan America", dos Estados Unidos. Tinham viajado discretamente, sem se darem a conhecer, para evitar os atropelos da curiosidade publica — especie de imposto que a gloria paga á banalidade humana... A indiscreção de um official de bordo revelára ao reporter da "Tarde" a noticia estupenda. E dentro de alguns minutos o Palacé Hotel, onde se hospedaram o sabio e o "homem mechanico", precisava de recorrer á policia para evitar a invasão dos curiosos.

O habito de farejar entrevistas sensacionais fez-me ver, de prompto, a importancia do caso. Dirigi-me ao hotel onde estava o phenomeno e, com a ajuda da minha carteira de jornalista e de algumas palavras amaveis, logrei ser o primeiro a falar com o sabio Finley, de Boston. Encontrei-o no seu excellento quarto do terceiro andar, fazendo a barba com uma Gillette, como qualquer mortal.

— Tenho muito medo aos parasitas que se contão no barbeiro — disse-me, em castelhano, o grande physiologista. Por isso, dou-me o trabalho de fazer a propria barba.

— O cavalheiro alli é bem mais feliz do que o senhor, mestre... disse-lhe, apontando para um rapaz elegantemente vestido que estava sentado numa chaise-longue e se tinha inclinado, ligeiramente, á minha entrada.

— Ah! sim, o meu querido Carlos Autogenico não precisa de fazer a barba. Por signal que ainda não os apresentei. O jornalista brasileiro sr...

— Ribas de Andrade

— ... e o meu amigo Carlos Autogenico.

Apertámo-nos as mãos. Extranhei que a delle fosse macia como se fôra de carne humana. Não era, então, todo de aço o homem mechanico? A face devia ser moldada em parafina, porque tinha uma cor uniforme e uma certa plasticidade que lhe permittia sorrir, embora com o mesmo rictus muscular.

— Em que lingua quer falar com o meu amigo? perguntou-me o mestre. Elle fala todas as linguas dependendo, apenas, da mudança prévia dos discos.

— Prefiro hespanhol.

— E' o que elle fala habitualmente, desde que sahimos dos Estados Unidos. E' o rapaz mais culto do mundo. Tem, dentro de si, toda uma bibliotheca, dança o charleston e o black-bottom (é verdade que as moças se queixam de que elle é um pouco "secco"), joga tennis e foot-ball, e é capaz de atravessar a Guanabara duas vezes sem tomar novas cargas electricas.

— H je não quero nadar, meu pai — disse o homem-mechanico com voz de victrola orthophonica. Prefiro cantar o *Cer ingrato* ou a *Elegie* de Massenet.

O mestre riu-se como um collegial.

— Quem falou em nadar, meu caro? Estou, apenas, relatando as tuas habilidades. Este senhor nunca viu um "homem-mechanico" e é natural que se mostre rido de curiosidade.

— Como é que este cavalheiro se alimenta? perguntei, depois de um pequeno silencio.

— Alimenta-se de energia electrica guardada em accumuladores especiaes. Os seus musculos são de aço e os nervos de platina. Quando começa a ficar neurasthenico mudamos-lhe os fios. Se se pu desse fazer o mesmo ás mulheres... Emfim, pouco trabalho me dá a não ser quando os accumuladores começam a ficar vazio de energia. Então, enfraquece a olhos vistos e tem idéas sinistras, de suicidio, de melancolia. Um dia, até quiz fazer versos, mania que passou, felizmente, com a administração de tres pilhas novas.

— Que tem no interior do corpo?

— Uma victrola com os discos bastantes ás necessidades da vida. Um pouco de sciencias naturaes, linguas vivas, algumas numeros de canto, phrases banaes de salão, duas ou tres phrases de espirito... emfim, é mais interessante do que uma girl de Nova York, que não sabe sciencia nem tem phrases de espirito.

— E as suas necessidades... como direi? physiologicas...

— São poucas, e puramente mechanicas. Resumem-se nisto: pilhas e discos. Pilhas para viver, discos para sentir. E' o ideal da simplicidade. Não bebe, não fuma, não mente, não diz palavras inuteis, não tem saudades, não ama...

— Que felicidade a de não amar!

— E' verdade, meu caro. Nunca será desgraçado nem morrerá á ponta de um punhal ou á boca de uma pistola. Passa pelas mulheres indifferente como um Santo Antão sem tentações. Nunca o vi suspirar, mesmo porque as suas entranhas são de aço e não tem coração. No dia em que todos os homens sairem das officinas da Westinghouse Electric Company terão desaparecido do mundo a dôr, o crime, o suicidio, a desgraça, emfim. E nem por isso elle deixa de ser elegante e distincto. Repare como se veste com *aplomb*.

Olhei, melhor, o homem mechanico. Vestia um lindo terno cinzento, e a gravata era um modelo de bom gosto. As unhas, feitas de micaschisto, brilhavam como diamantes de boa agua. Os dedos eram longos e modelados como se fossem torneados á machina. De thorax amplo e forte, sem proeminencias de ventre, sem callos, sem joanetes, sem dores de cabeça, tinha o ar feliz de quem não tem alma...

— Quer que elle cante uma canção napolitana? perguntou-me Finley.

Não tive tempo de responder. Um rumor immenso invadiu o aposento. Era como se um exercito tivesse invadido o hotel. Milhares de pessoas subiam as escadas em atropelo e em grita.

— Que ha? perguntou o sabio, pallido, de susto.

O gerente do hotel appareceu, á frente de outros empregados.

— Fugam! disse elle, com a voz tremula. O povo invadiu o hotel para ver o "homem mechanico" e as mulheres estão furiosas porque dizem que elle não tem coração.

Não houve tempo de fugir. A multidão, vencendo a resistencia dos empregados do hotel e da policia, invadiu o aposento. A frente vinham centenas de mulheres desgrehadas, rotas, suarentas, como se estivessem loucas. Uma onda de perfumes encheu o quarto.

O "homem mechanico" levantou-se como se fôra movido por todas as pilhas interiores.

— Mulheres! disse, com a voz roufenha. Estou perdido!

Cahiu na cadeira com um rumor de molas que se partem. O sabio soltou um grito de desespero. Correu para elle. Estava hirto, numa solidez de aço. Abriu-lhe o ventre, desparafusando as placas metalicas. No interior jaziam, em estilhaços, todos os vidros da pilha... E um liquido avermelhado, que parecia acido chlorhidrico, escorria pelo ventre do homem mechanico corroendo-lhe as fibras de aço...

BERILO NEVES